



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Desafios e tendências do Jornalismo frente à Inteligência Artificial¹

Ivan da Costa Alecrim Neto²
Carolina Dantas de Figueiredo³
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este artigo tem como proposta uma reflexão teórica sobre o possível deslocamento dos eixos de produção do fotojornalismo diante da popularização da Inteligência Artificial Generativa (IA) como ferramenta de produção de imagens. Diante disto, o fotojornalismo parece voltar a dialogar com o mundo das ilustrações, como foi em sua origem na mídia impressa. Busca-se aqui então entender, a partir da revisão teórica sobre o assunto e observação de periódicos e de imagens de fotojornalismo e produzidas por IA, o arredamento do pensamento teórico da fotografia do “isso foi” barthesiano para isso é um mundo possível.

Palavras-chave: Fotojornalismo; Imagem; Inteligência Artificial.

1 INTRODUÇÃO

Até bem pouco tempo, o fotojornalismo era a prova visual produzida pela testemunha ocular de um mundo distante, exótico, selvagem, vibrante. Este afortunado observador, distribuía suas imagens em meios que, em tese, eram capazes de avaliar a qualidade cultural, estética, política, técnica e deontológica das fotografias produzidas a partir de processos de edição. Esta lógica fundante, na qual o fotojornalista está submetido a uma editoria de fotografia, que por sua vez está sob a tutela de um editor chefe, que segue rigorosamente a linha editorial de uma empresa, rompeu-se na revolução digital das redações (Silva Júnior, 2021), que culminou com a plataformização das empresas de comunicação. Silva Júnior entende que os jornais no modelo tradicional estão em franco declínio e junto com eles as editorias de fotografia (Ibidem, p. 71)

¹ Trabalho apresentado no GT1 - Fotografia Documental.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: ivan.alecrim@ufpe.br

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: carolina.figueiredo@ufpe.br



**VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023**



Desde meados da década de 2000 duas regularidades acompanham o cotidiano dos jornais em modelos massivos. A primeira, o progressivo esvaziamento desses veículos, em sua maioria, como espaço de discussão da esfera pública dos problemas e realidades do cotidiano. O segundo, um processo em efeito dominó que deflagra a quebradeira financeira desses veículos, inviabilizando progressivamente o modelo de negócio baseado em produção centralizada e distribuição massiva.

Além disso, as empresas também estão parando, de forma não sincrônica, a impressão de suas edições, investindo em sites e redes sociais. Mas isso não implica que os jornais não vão mais existir ou abandonar o uso do fotojornalismo. Muito pelo contrário. O fotojornalismo não morreu (Silva Júnior, 2021), nem parece que vai morrer “para quem é capaz de enxergar esses impasses na configuração atual como mais um capítulo da fotografia de imprensa” (Ibidem, 2021, p. 73).

É indiscutível que o modelo de *deadline* de 24h, impresso em frágeis folhas de papel, já caducou. “Hoje estamos vivendo ciclos cada vez mais curtos, com velocidades de mudança cada vez maiores” (Gandour, 2020, p.14). Isso se dá “em parte pela própria omissão dos jornais em acionar os dutos de reoxigenação, em parte também pela extrema aceleração das mudanças” (Silva Júnior, 2021, p.74).

A fotografia de atualidades no molde saudoso e romântico está em vias de se acabar. Ponto pacífico. Mas para quem consegue acompanhar o deslocamento do eixo lógico, o fotojornalismo assume novas dinâmicas. O Jornal do Commercio do Recife, por exemplo, um dos principais jornais da capital pernambucana, apenas no dia 05 de junho de 2023 postou em sua conta da rede social Instagram 25 matérias, das quais uma era ilustrada por charges, cinco compostas por vídeos e todas as outras se sustentavam por fotografias. A Folha de Pernambuco, na mesma data, fez 18 postagens das quais cinco eram compostas por vídeos e todo o resto por fotografias, incluindo imagens do *Google Street View*, prática recorrente desse jornal. O mais antigo dos jornais recifenses, Diário de Pernambuco, fez o total de 54 postagens neste dia. Deste montante três eram vídeos, duas eram ilustradas por artes e 49 postagens foram feitas tendo a fotografia em suas capas.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



2 Legitimação da fotografia no jornalismo

Observar os sites e redes sociais dos jornais recifenses, mesmo que de forma superficial, permite notar que a fotografia possui ainda um valor considerável para o jornalismo. Para entender o que coloca a fotografia neste lugar tão importante, mesmo durante a diáspora digital, é necessário observar o pensamento de Barthes (1980, p. 13) que diz que “o que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. É a máxima do “isso foi” (Ibidem, p. 14) barthesiano. Philippe Dubois (1993, p. 61), em “O ato fotográfico e outros ensaios”, desenvolve a seguinte reflexão:

A fotografia, antes de qualquer outra consideração representativa, antes mesmo de ser uma imagem que reproduz as aparências de um objeto, de uma pessoa ou de um espetáculo do mundo, é em primeiro lugar, essencialmente, da ordem da impressão, do traço, da marca e do registro.

Isso nos leva a entender que a fotografia faz parte de uma categoria de signos que o filósofo americano Charles Sanders Peirce nomeou de "índice" (Dubois *apud* Peirce, 1993, p. 61). É justo o fato de que aquilo que foi fotografado esteve verdadeiramente na frente da lente fotográfica. A fotografia foi feita porque uma ação física, o fenômeno de um objeto refletir luz, foi transmitida na direção da lente fotográfica e a imagem foi gravada em um meio químico e depois da revolução digital, eletrônico. Este entendimento de que a fotografia é resultante de um fenômeno físico e que um mecanismo foi capaz de codificar a luz em uma imagem estática é o que coloca a fotografia à serviço do jornalismo.

Em seus turnos, tanto o ícone como o símbolo percorrem caminhos distintos. O ícone opera na semelhança com o objeto físico, o índice. Já o símbolo se forma na arena simbólica, disputado diariamente pelos atores sociais e se orienta na direção de se aproximar da redução máxima da representação do índice. Segundo Dubois (1993, p. 64) o ícone “joga com a semelhança da similaridade”, já o símbolo com “a associação por convenção, a regra




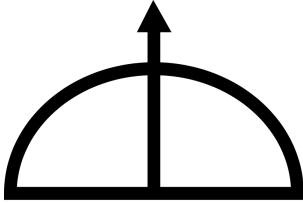
III Congresso UNIVERSITÁRIO DA UEPB

VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



arbitrária, o contrato de ideias". Vamos tomar como exemplo didático essa sequência de imagens indicada na tabela abaixo (Tabela 1):

Tabela 1:

Tipo de representação	Categorização
 <p>Fotografia: Ricardo Stuckert “Povos originários Guerreiros do tempo” (2022)</p>	Índice
 <p>Cunha: Oxóssi Carybé</p>	Ícone
 <p>Imagem: Ofã</p>	Símbolo

Fonte: Adaptado de Dubois, 1993.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



As imagens indicadas na Tabela 1 nos convidam a percorrer didaticamente a sequência índice, ícone e símbolo. Na fotografia de Ricardo Stuckert vê-se pessoas, uma das quais assume um gesto que se assemelha ao de caçar por meio de arco e flecha. Aqui, não importa quem são as figuras ou a qual etnia pertencem, mas é indiscutível o fato que elas estiveram diante da câmera fotográfica. Já, em operação distinta da imagem de Stuckel, a cunha em prata do artista plástico Carybé se articula pela semelhança com o índice. Não necessariamente uma figura humana esteve diante do artista para que ele produzisse tal imagem e tampouco é imprescindível que se saiba que ela representa uma deidade da caça na cultura do Candomblé, por exemplo. Pelos elementos de similaridade, supõe-se um caçador ou ato de caça. Já, por outros caminhos de negociação simbólica, a imagem simplificada do arco e da flecha (Ofá no Candomblé), em proposição de redução da imagem, faz crer que estamos falando de caça ou algo relacionado.

É importante lembrar que a imagem do fotojornalismo pode transpassar o seu sentido de índice. Ela toca as categorias de ícone e de símbolo, a depender de sua potência e de seu impacto como imagem. Dubois (1993, p. 65) afirma que:

Eis, apresentada esquematicamente no que tem de mais fundamental, a famosa tricotomia semiótica. Que o signo fotográfico agora por seu modo constitutivo (a impressão luminosa), dependa plenamente da categoria dos índices (signos por conexão física), eis o que só pode parecer evidente, e isso mesmo se os efeitos da imagem foto acabam por ser da ordem da semelhança icônica e até, às vezes, da colocação em símbolo.

Bons exemplos de fotografias que se dilatam da lógica do índice, seguindo para além do fato inscrito e se organizando como ícone e símbolos são “*Migrant Mother*” (1936) da fotógrafa Dorothea Lange⁴, “A menina napalm” (1972) do fotojornalista vietnamita Nic Ut⁵ e “A menina e o abutre” (1993), do fotógrafo Sulafricano Kevin Carter⁶. Em todos três casos, o estatuto de testemunha ocular e de impacto do fotojornalismo se dá por meio da lógica barthesiana através da qual aquilo estava diante de um fotógrafo, e que o mesmo foi capaz de operar com habilidade um objeto técnico (no caso a câmera fotográfica) que gravou

⁴ Imagem disponível em: <<https://www.moma.org/artists/3373>>

⁵ Imagem disponível em: <<https://apnews.com/hub/nick-ut>>.

⁶ Imagem disponível em:

<<https://medium.com/@denislesak/how-the-vulture-and-the-little-girl-ultimately-led-to-the-death-of-kevin-carter-d9871c4137f2>>



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



química ou eletronicamente uma cena, a qual foi capaz de superar a marca dos acontecimentos regulares e se estabelecer como uma imagem de notícia.

3 Ruptura da lógica barthesiana como caminho para o fotojornalismo:

Um novo cenário se ergue no horizonte e não parece que haja retorno para ele. Popularizada em 2023, a Inteligência Artificial Generativa (IA) deve ampliar a complexidade da relação entre imagem e jornalismo. A jornalista norte-americana Beth Nicholls (2023) afirma que “o mundo da fotografia está realmente em mudança e isso é um pouco assustador”.

Popular não apenas pelo aplicativo de perguntas e respostas, *Chat GPT*, a IA também se articula em plataformas de produção de aulas, vídeos, áudios, literatura e de imagens que podem ser tão realistas que se assemelham a fotografias. Diferente de outros *softwares* mais consolidados que necessitam do índice diante de uma câmera para gerar suas montagens, a inteligência artificial pode criar suas imagens a partir de descrição escrita, *prompt*, do que o usuário quer como resultado final. Mas tão importante quanto dizer o que se espera de uma imagem, é também descrever o que não se quer como produto final, o *negative prompt*. Também é possível que se defina se a imagem gerada será quadrada, vertical ou horizontal e sua resolução final. Isto posto, fica claro que a IA pode operar tanto com a imagem indicial e criar um novo resultado tendo a fotografia como base, como pode criar uma imagem sem qualquer índice.

Em 25 de março de 2023 aconteceu o primeiro evento midiático significativo em torno de uma imagem de IA. O mundo se sacudiu com a imagem produzida por Pablo Xavier, um artista, até então desconhecido, de 30 anos da cidade de Chicago (Imagem 1):



III
Congresso
UNIVERSITÁRIO
DA UEPB

VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Imagem 1:



Fonte: Instagram do artista plástico Pablo Xavier (@art_is_2_inspire)⁷.

A imagem do Papa Francisco vestindo um casaco no estilo *puffer* poderia ser chocante por si só. Mas, para além do impacto visual ou da polémica deflagrada a partir dela, em pouco tempo ficou claro (como explicado pelo próprio Xavier) que essa imagem não é uma fotografia e que tampouco foi gerada com base em fotografias. Foi feita apenas com inputs de texto no aplicativo de produção de imagens em IA, Midjourney. No Brasil, algumas empresas de comunicação se confundiram ou não apuraram a veracidade da imagem, a qual circulou de forma viral nas redes como sendo efetivamente uma fotografia do Papa Francisco. Um exemplo desse descuido foi a revista Vogue (2023), que em sua conta na rede social X⁸ (@voguebrasil), fez uma postagem tratando a imagem como fotografia e na sequência precisou fazer uma retratação. A imagem publicada pelo artista sugere um deslocamento no eixo do pensamento do fotojornalismo, movimento que na falta ainda de classificação formal, será chamado neste artigo de Efeito Xavier.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqN2r-OAXwB/>

⁸ Antigo Twitter.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



É meramente hipotética a crença de que o ilustrador tinha como intenção ludibriar os veículos de comunicação, promovendo assim desinformação, ou a intenção deliberada de deslocar o pensamento fotográfico do “isso foi” barthesiano, para o universo da ficção de mundos possíveis, daí a proposição feita acima de denominamos esse fenômeno provisoriamente como Efeito Xavier. Basta uma olhada em sua conta pessoal no Instagram para entender que não se tratava da intenção deliberada de produzir desinformação, mas sim um exercício de uso da IA e de materialização do imaginário do artista por meio de uma nova ferramenta. Inclusive, observando a maneira como ele usa *hashtags*, fica clara esta indicação. A observação desse conteúdo nos remete aos pensamentos de Freund (1983, p. 7).

Cada momento histórico testemunha o nascimento de modos particulares de expressão artística, que correspondem ao caráter político, aos modos de pensar e aos gostos da época. O gosto não é uma manifestação inexplicável da natureza humana, mas se forma a partir de condições de vida bem definidas que caracterizam a estrutura social em cada etapa de sua evolução⁹.

Esta passagem de Freund nos faz observar a IA não com um olhar apavorado, menos ainda com a pretensão de determinar o fim de alguma disciplina, mas desperta a curiosidade sobre o entendimento de que a Inteligência Artificial é resultado de um instante sociotécnico e deve ser abordada, amparada e delimitada enquanto possibilidade de uso no fotojornalismo sem cometer o erro de emular a fotografia digital ou de qualquer outro período.

4 Dois fotógrafos, várias imagens, nenhuma fotografia

No sentido de ampliar o debate aqui proposto podemos observar o caso do fotógrafo documentarista Michael Christopher Brown, conhecido por seus trabalhos para National Geographic e New York Times. Brown é o autor do projeto 90 Miles¹⁰. Nele, o autor criou, via o *software* de IA Midjourney, uma série de imagens sobre eventos históricos cubanos e a travessia oceânica entre Havana e Flórida.

⁹ Tradução dos autores.

¹⁰ Projeto disponível em:

<<https://www.digitalcameraworld.com/news/photojournalist-uses-midjourney-to-create-intense-new-photo-series-is-it-cheating>>.

O olhar voltado para a histórica ilha, seus eventos sociopolíticos e a travessia clandestina com destino aos Estados Unidos da América não é uma novidade no documentarismo. Mas o descolamento de *90 Miles* de outros projetos reside no fato de que o mesmo é desenvolvido em Inteligência Artificial e não por meio de fotografias. Para o Brawn, esse trabalho não seria possível de ser realizado sem o uso desta tecnologia. Ele afirma que *90 Miles* é um “experimento de ilustração pós fotografia de IA explorando eventos históricos e realidades da vida cubana”. Em entrevista para o site Digital Camera World, Browns (2023) compartilha o seguinte pensamento:

A qualidade fotorrealista agora possível com a IA e a facilidade de criar essa qualidade estão expandindo as possibilidades de narrativa visual. Qualquer um agora pode criar ilustrações de reportagens fotorrealistas sem lentes sobre qualquer assunto, em qualquer lugar, a qualquer momento, colaborando com uma história coletiva da fotografia para ilustrar o mundo fotografado e criar uma visão do que foi, é ou do que pode ser¹¹.

Imagem 2:



Fonte: Instagram do fotógrafo Michael Christopher Brown (@michaelchristopherbrown).

¹¹ A entrevista completa está disponível em:

<https://www.digitalcameraworld.com/news/photojournalist-uses-midjourney-to-create-intense-new-photo-series-is-it-cheating>.

Outro exemplo de uso da Inteligência Artificial e a disrupção que tem gerado no mundo da fotografia é o caso do fotógrafo alemão Boris Eldagsen que foi um dos ganhadores do prêmio Sony World Photography Award com a imagem *GHOSTED | Resurrection of a Disappeared Image*. Segundo a BBC Brasil, Eldagsen, recusou-se receber a premiação “após revelar que seu trabalho era uma criação de Inteligência Artificial (IA)”. O fotógrafo tinha como objetivo “testar como a competição reagiria a uma imagem artificial e gerar uma discussão sobre o futuro da fotografia” (Eldagsen, 2023).

Imagem 3:



Fonte: Instagram do fotógrafo Boris Eldagsen (@boriseldagsen).

No Instagram pessoal, Eldagsen, no dia 24 de maio de 2023, publicou um “carrossel” de imagens, junto com a *GHOSTED | Resurrection of a Disappeared Image*, que nos leva a uma pertinente reflexão do que chamamos aqui de Efeito Xavier: A imagem feita por inteligência artificial não é uma fotografia. Essa afirmação do fotógrafo alemão é basilar para a reflexão que trazemos aqui, pois nos provoca a encontrar alguma resposta no caldo teórico barthesiano que justifique este pensamento. Sem pretensão de resposta definitiva ou de



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



verdade, tomar como ponto de partida o entendimento de Roland Barthes (1980, p. 14), de que em uma fotografia “isso foi”.

A afirmação de Eldagsen aponta para a reflexão que uma imagem feita por IA não seria uma fotografia pois não opera por meio do índice, do mundo físico, mas é articulada pelo ícone e pelo símbolo. A capacidade que uma imagem em IA tem de se assemelhar à imagem fotográfica e como isso gera desinformação não é o interesse do presente debate. Ao contrário, busca-se aqui apontar para a necessidade de realizar uma deontologia que abarque essas novas imagens para que possamos criar conteúdo livre de desinformação. Peixoto (2016), em sua tese de doutorado pelo PPGCom da Universidade Federal de Pernambuco, lembra que o fotojornalismo, em toda sua historiografia, se sustenta no tripé estético, tecnológico e deontológico. Diante deste pensamento guilhermino, fica claro, então, que o caráter mutável das três parcelas constituintes do fotojornalismo é uma de suas maiores características.

5 Fotógrafos ilustram

Parece oportuno colocar as imagens feitas em Inteligência Artificial na categoria de ilustração sem criar barreiras no diálogo entre elas e o fotojornalismo. É fundamental, justo pelo efeito de realismo causado pela IA, que nessa abordagem sempre seja claro que este produto imagem se trata do resultado de uma ferramenta produtora de ficção, que está constituída dentro do universo dos ícones e símbolos, e não do “isso foi” barthesiano, do índice.

Destarte, devemos rememorar que para o fotojornalismo esse diálogo entre fotografia e ilustração não é algo novo. Sousa (2004) em seu livro “Uma história crítica do fotojornalismo ocidental”, afirma que uma das primeiras imagens consideradas como fotojornalismo foi uma ilustração publicada em 1842 no *The Illustrated London*. Tratava-se de um incêndio em um bairro de Hamburgo. O daguerreotipista Carl Fiedrich Stelzner fez uma fotografia do desastre que serviu de base para a ilustração do impresso semanal (Sousa, 2004).







**VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023**



Gervais (2017) relembra ainda que no dia 26 de agosto de 1843, a revista semanal francesa *L'illustration* publicou uma imagem do *Fort de San Juan de Ulúa*, em Veracruz. Para o autor, nada poderia distinguir esta representação das outras que compunham a página, com a exceção da menção de que tal ilustração tinha sido feita com base em uma fotografia. Um outro fato é que nesta época, em função das técnicas de impressão e material de produção utilizado, todas as imagens (de base fotográfica ou não) tinham que passar por um gravurista.

Colaborando com o argumento de que ilustração e fotojornalismo andam juntas desde os primórdios deste, temos o caso da imagem *The barricade of rue Saint-Maur [du Faubourg-de-Temple], after the attack by General Lamoricière's troops*. Em junho de 1848 um “fotógrafo desconhecido viu suas imagens saindo dos estúdios e ganhando circulação em vários periódicos” (Gervais. 2017, p. 29). O autor se refere a Charles François Thibault que teve seu daguerreótipo copiado por ilustradores de periódicos da época. Procedimento realizado com os daguerreótipos de Stelzner e Thibault (Tabela 2).

Tabela 2

Fotografia	Ilustração
 <p data-bbox="248 958 699 987">Daguerreótipo: Carl Fiedrich Stelzner</p>	 <p data-bbox="951 958 1428 987">Ilustração: The Illustrated London, 1842</p>
 <p data-bbox="204 1753 699 1783">Daguerreótipo: Charles François Thibault</p>	 <p data-bbox="1002 1753 1337 1783">Ilustração: L'illustration, 1848</p>



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Note-se que em ambos os casos na transposição do daguerreótipo para a ilustração, detalhes são eliminados ou ajustados nas imagens, ganha-se nitidez ou mesmo dramaticidade, o que parece dialogar com o potencial não somente da IA mas também de gerações de editores de fotografia digital como o *Photoshop*.

6 Conclusão

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre inteligência artificial e fotojornalismo partindo do pressuposto de que a primeira não produz apenas a partir de um algo físico, mas que é a IA o índice que apresenta o imaginário de uma pessoa ou de conjuntos de pessoas. Diante desses pensamentos, é necessário muito mais que fingir que as imagens criadas por inteligência artificial são produtos que conduzem à desinformação simplesmente, daí a menção ao que chamamos provisoriamente de Efeito Xavier. Precisamos aprender a dialogar com a produção de imagens através de AI de forma fértil, inclusive para o fotojornalismo, observando o tripé guilhermino da estética, da técnica e da deontologia como forma de dar conta dos problemas que estão para se erguer nesse novo horizonte e entendendo que a interface entre fotografia e ilustração é antiga e complexa pois depende – e a questão da AI se insere justamente neste escopo – do contexto social e tecnológico de cada época.

A IA, com o seu hiperrealismo, transformando em imagem o que se sustentava apenas na narrativa e/ou na imaginação, pode fazer a fotografia retornar àquilo que ela era no princípio do fotojornalismo, a imagem ou um conjunto de imagens base para uma ilustração. Em última instância as imagens geradas por esta nova tecnologia são de certo modo ficcionais, pois deixam de testemunhar os acontecimentos, perdem o índice para localizar a verdade. É uma imagem que opera sobre uma verdade possível, até certo ponto imaginada. A inteligência artificial assim nos convida a encontrar o início de tudo, quando a fotografia fundamentava a produção de imagens que não necessariamente eram cópias do momento vivido pelo fotógrafo, mas remetiam a este momento, num movimento de índice para ícone em termos do “isso foi” barthesiano.

Este estudo não tem a proposta de tratar do conceito de verdade no campo do fotojornalismo. Inclusive esse tema já está sendo exaustivamente debatido em outros



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



contextos que tratam de desinformação, por exemplo. A proposição aqui é de alertar para a criação de escopo deontológico que trate da IA no fotojornalismo. Por fim, lembramos que, olhando no retrovisor da história, um dos equívocos da terceira revolução do fotojornalismo, defendida por Pedro Sousa, foi o ato emular a fotografia fotoquímica na fotografia digital. O fato é que, observando

o passado, mas projetando o futuro, a imagem em inteligência artificial, e vamos sustentar aqui o uso do termo imagem e não fotografia, em tempos em que o fotojornalismo lida com os desafios da plataformação e do capitalismo tardio no campo da produção de conteúdo (jornalístico ou não), pode e deve ter linguagem própria.

REFERÊNCIAS

AFONSO JÚNIOR, José. **Instantâneos da fotografia contemporânea**. 1. e.d. - Curitiba: Appris, 2021.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia**. 9.e.d. - Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BBC, BBC Brasil. **Instagram**, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrMKLm5skff>. Acesso em: 06 jun. 2023.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2.e.d. São Paulo: Papyrus Editora, 1993.

ELDAGSEN, Boris Eldagsen. **Instagram**, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsoXAz4I6Pu/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. 2.e.d. Barcelona: Grafos, 1977.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão: A segunda morte da opinião pública**. São Paulo: Sumos, 2020.

GERVAIS, Thierry; MOREL, Gaëlle. **The making of visual news: A history of photography in the press**. 1.e.d - Londres: Bloomsbury, 2017

NICHOLLS, Beth. **Photojournalist uses Midjourney to create intense new photo series - is it cheating?** *Digital Camera World*. 23 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.digitalcameraworld.com/news/photojournalist-uses-midjourney-to-create-intense-new-photo-series-is-it-cheating>. Acesso em: 06 jun. 2023.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



PEIXOTO, João Guilherme de Melo. **Um percurso do jornalismo a partir dos seus manuais:** a construção do discurso visual da notícia por meio de suas regularidades normativas. 2016. 216p. Tese. PPGCOM - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental.** Chapecó: Argos Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

XAVIER, Pablo Xavier. **Instagram.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqN2r-OAXwB/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

VOGUE. Vogue Brasil. **Tweet.** 26 de março de 2023. Disponível em: <https://twitter.com/voguebrasil/status/1640024803116556288>. Acesso em: 06 jun. 2023.

VOGUE. **A matéria equivocada foi imediatamente retirada do ar.** Disponível em: <https://twitter.com/voguebrasil/status/1640024803116556288>. Acesso em: 06 jun. 2023.